

Artigos

O mito de Cam: usos racistas de uma narrativa bíblica

The myth of Ham: racist uses of biblical narrative

Andrei Gimenes Hardtke¹, Uruguay Cortazzo González¹ 

¹ Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

RESUMO

A partir de um estudo bibliográfico, o presente artigo tem como objetivo evidenciar alguns usos do mito bíblico de Cam, vinculado à escravidão, ao branqueamento e usos políticos atuais. Tais usos estão ligados a diferentes momentos históricos e sociais, que vão moldando a história brasileira e que refletem no nosso cenário atual. A partir dessas relações, vão-se construindo diferentes usos do Mito de Cam e argumentos que sustentam discursos presentes atualmente para validação do preconceito e do racismo religioso.

Palavras-chave: Racismo; Escravidão; Branqueamento; Preconceito religioso; Mito

ABSTRACT

Based on a bibliographical study, this article aims to highlight some uses of the biblical myth of Ham, linked to slavery, whitening and current political uses. Such uses are linked to different historical and social moments, which are shaping Brazilian history and which reflect on our current scenario. From these relationships, different uses of the myth of Cam and arguments that support discourses currently present for validation of prejudice and religious racism are constructed.

Keywords: Racism; Slavery; Bleaching; Religious prejudice; Myth

INTRODUÇÃO

De maneira geral, em qualquer lugar do mundo, é comum que as pessoas associem a escravidão ao racismo, uma vez que os negros fizeram parte desse processo tão doloroso e que até hoje gera consequências, principalmente no Brasil. Por outro

lado, a escravidão que conhecemos hoje é aquela que ocorreu após o ano de 1500, com a chegada dos portugueses. Antes desse período, a escravização possuía outro significado, ela não estava associada ao sistema capitalista e alguns escravos ou servos eram membros integrantes das famílias. Isso porque a escravidão estava associada à guerra, mas não ao tráfico de seres humanos (Grenouille, 2009). Obviamente a mais violenta foi a escravidão originada do processo de colonização das Américas, pois gerou não só violência física como consequências catastróficas socialmente que hoje conhecemos bem. Isto é, alguns acreditam que o racismo está vinculado à escravidão, mas o desaparecimento do sistema escravocrata não significou o fim do racismo. Isso significaria que o racismo sofre mutações e se adapta a diferentes situações históricas. Até hoje se discute o porquê de existir o racismo, ainda que por aqueles mais escolarizados. Muito se diz que a educação é um dos meios de se combater o racismo, mas vemos que ele ainda persiste mesmo em locais com pessoas de alto índice de instrução escolar. Outras teorias apontam que o racismo surge do sistema capitalista, e a mudança de um sistema para o outro seria a solução. No entanto, verificamos que isso não se aplica, pois Cuba, além de ter alto índice de população instruída e não ser um país capitalista, ainda se verifica a existência do racismo por lá (Serviat, 1986). Outros teóricos, adeptos à sociobiologia, dizem que o racismo seria algo “natural” do ser humano, ou seja, toda tentativa de antirracismo seria falha uma vez que ser racista seria um comportamento inato do ser humano (Taguieff, 2002). Algumas teorias, por mais absurdas que pareçam, surgem de uma tentativa de responder a questões como “O que é o racismo?” “Por que ele (ainda) existe?” Por mais que não cheguemos a uma conclusão e este não seja o objetivo principal deste artigo, a resposta a essas perguntas daria um bom artigo ou livro, assim como o fez Pierre André Taguieff (2002).

Até hoje, são muitas as justificativas que são utilizadas e espalhadas por aí como verdades absolutas para justificar o racismo. Uma destas justificativas é o Mito de Cam, um dos filhos de Noé, originado na bíblia em uma de suas passagens. Este mito é utilizado há muito tempo como meio de justificar a escravidão não só dos negros,

mas também de outros povos. Posteriormente, ele passou a ser utilizado como uma espécie de maldição que seria justificativa para a escravização dos africanos e até hoje é utilizado como uma verdade absoluta, apesar de a lenda original não citar a cor negra em nenhum momento.

O MITO DE CAM E A TEORIA DO BRANQUEAMENTO

Resumidamente, a história deste mito conta que, após embriagar-se de vinho, Noé, seminu, foi coberto por seus filhos Sem e Jafet, mas Cam foi amaldiçoado por não ter respeitado a situação que acontecera com seu pai. Portanto, Cam e seu filho Canaã foram amaldiçoados. Há a interpretação de que este é um mito de cunho político para justificar a escravização dos canaanitas (Palestina) por parte de Israel, não de ideologia racial. O uso do mito para a estigmatização dos negros africanos apareceu bem posteriormente numa literatura chamada midráchica, sem relação com a Bíblia. Em uma das interpretações,

Cam se teria convertido num homem de pele negra como maldição por ter violado o preceito que proibia relações sexuais na Arca da Aliança – um curioso anacronismo, pois a Arca só surge depois do Êxodo para servir de receptáculo sagrado das Tábuas dos Dez Mandamentos. Segundo um requinte desta lenda, os africanos andam nus porque seu antepassado Cam “tinha descoberto a nudez do pai (Morais, 1988, p. 253).

Ainda segundo Vamberto Moraes (1988), tudo indica que foram os muçulmanos que começaram a divulgar a “maldição de Cam”: “vinha muito a propósito para justificar sua escravização de negros africanos e o tradicional tráfico através do Saara. E foi por seu intermédio, evidentemente, que o mito se difundiu entre os europeus traficantes de escravos. A “maldição de Cam” fazia parte integrante da “ideologia escravista” do Sul dos EUA: num país em que a Bíblia era lida diariamente e pregada como a palavra de Deus, fazia-se o maior uso possível de versículos que justificassem a escravidão. No

Brasil, onde a Bíblia era pouco lida por leigos e mal conhecida, ainda assim a lenda da “maldição de Cam” se tinha divulgado.”

O autor cita um exemplo curioso de um desafio em que o cantador branco, querendo como de costume amesquinhar o negro, desfia esta quadrinha primária:

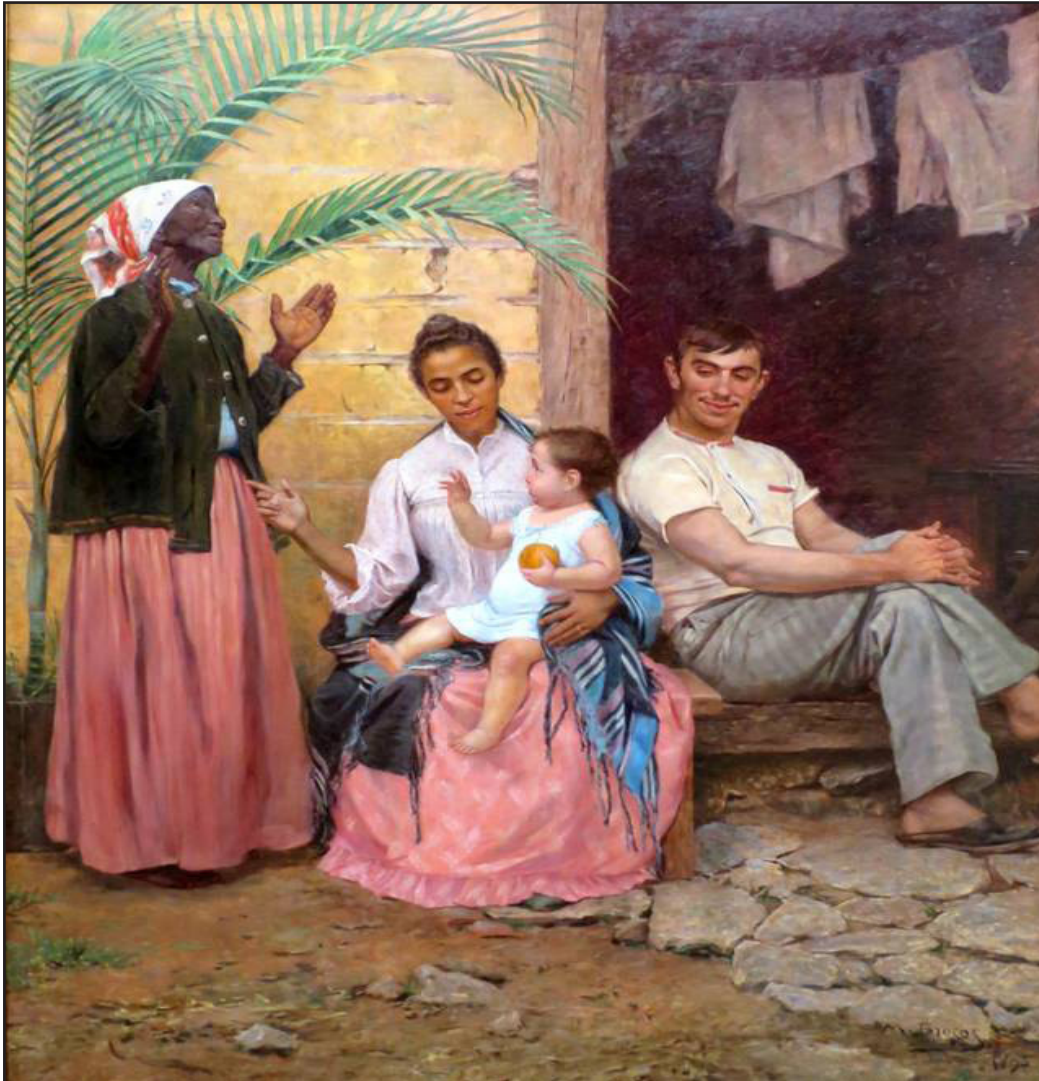
“Você não pode negar
Que a sua raça é ruim,
Pois é amaldiçoada
Desde o tempo de Caim”

Aqui é possível ver que há uma confusão entre os nomes Cam e Caim, cuja confusão é fácil de ocorrer em nossa língua, mas pouco provável em outras línguas como o inglês e o hebraico original, por exemplo (Ham e Qayin). No entanto, havia um mito paralelo, mas menos popular que o de Cam, o qual associava os negros com a descendência de Caim: “isto era mais absurdo, pois os descendentes do filho de Adão e Eva dariam conta de metade da espécie humana” (Morais, 1988, p. 254). Ainda assim, segundo Vamberto Moraes, “esta crença ainda hoje é sustentada pela seita dos Mormons¹ nos Estados Unidos, que se baseiam nela para excluir indivíduos de cor do sacerdócio. Caim, amaldiçoado por ter assassinado Abel, seria o antepassado remoto dos africanos”. Conforme o artigo de Vamberto Moraes (1988), “a origem e difusão da “maldição de Caim” ligada aos negros são bem mais obscuras do que a de Cam. Quanto a esta, sobreviveu até hoje entre racistas. Em 1873 – quando só o Brasil e Cuba no Ocidente ainda não tinham emancipado seus escravos – O Papa Pio IX acrescentava uma indulgência a uma oração “pelos míseros etíopes da África Central para que o Deus Onipotente retire afinal a maldição de Cam de seus corações”.

Um dos maiores exemplos do racismo nas artes plásticas sobre esse episódio bíblico é a pintura de Modesto Brocos (1852-1936), chamada “A Redenção de Cam”.

¹ Os mórmons fazem parte de uma igreja denominada A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias – grupo religioso que se considera restauracionista, ou seja, ele pretende resgatar o cristianismo primitivo.

Figura 1 – Modesto Brocos. A Redenção de Cam (1895). Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes



Dessa forma, Murilo Roncolato, autor do texto “A tela “A Redenção de Cam” e a tese do branqueamento no Brasil”, descreve a pintura de modo bem detalhado:

O quadro, que “remete à imagística cristã da natividade”, mostra, da esquerda para direita, uma senhora negra, descalça sobre um chão de terra, que ergue as mãos e os olhos aos céus ao lado de uma mulher, provavelmente sua filha, de tom de pele mais claro, que segura seu bebê, branco, no colo. E um homem branco à sua direita. As três personagens representariam as três gerações necessárias para que o Brasil se tornasse um país branco. O homem branco à direita, ao que

tudo indica, o marido da mulher ao centro e pai da criança, olha para o menino com admiração. Ele é o elo que permite o branqueamento completo dos descendentes da senhora, possivelmente escrava e, assim, a sua salvação. (Roncolato, 2018).

A obra, feita logo após a abolição da escravidão no Brasil, representava o eurocentrismo tido como referência no país. Apesar disso, nosso país nunca se assemelhou à Europa branca em muitos aspectos, ainda que sejamos um país colonizado por portugueses. Na época em que o quadro foi feito, junto da abolição da escravidão emergiram teorias de branqueamento da população, as quais defendiam que houvesse uma mistura entre negros e brancos para que o “perfil” da população mudasse e, por fim, se tornasse integralmente branco. Em tais teorias, o branqueamento representava o progresso e futuro da nação, enquanto os negros representavam o passado e o atraso. Este foi o período em que o cristianismo, na Europa, era um meio para justificar a escravização de africanos. A pintura de Brocos ilustra muito bem essas teorias da época, uma vez que elas defendiam que os descendentes de Cam, negros, deveriam ser mortos e extintos para o branqueamento da população. Segundo Tatiana Lotierzo, historiadora e antropóloga, os textos da época concebiam a extinção dessas pessoas como o caminho para a emancipação:

O quadro de Brocos, ao apelar para a ideia de redenção, faz a mesma coisa. É sem dúvida uma tela racista e concordo plenamente com os autores que a definem como preconceituosa. Creio que entender como a pintura mobiliza suas ferramentas para reforçar esse tipo de argumento é importante, pois ajuda a ver como outras imagens podem fazer uso próprio das mesmas ferramentas, sinalizando caminhos de ruptura crítica frente ao racismo (Lotierzo, 2018).

Para Lotierzo, a pintura remete a um tipo de racismo ainda muito marcante no Brasil, o qual é expresso no cotidiano através de diversos tipos de discriminações. Tudo isso, segundo a historiadora, é o que gera o que muito se tem denominado de branquitude

ou branquidade, entre diferentes formas de percepção de mundo e autopercepção que manifestam os privilégios de ser branco que habilitam outros privilégios:

A redenção de Cam evidencia um passado que parece revelar-se hoje insuficiente à sua própria compreensão: afinal, se o racismo oitocentista encontra o rechaço das gerações atuais, o racismo é ainda presente, convidando a questionar determinados aspectos dessa memória. (LOTIERZO, 2013, p. 135).

Sabe-se o quão importante é a arte para a humanidade, mas acredito que pouco se discute como ela pode ser perigosa para operar contra o mal. A cultura, no caso das artes plásticas, pode operar para promover o racismo e esta é uma perspectiva bastante original no cenário brasileiro. Sobre a performance da pintura, Tatiana Lotierzo (2013, p. 129) defende que “performance pode aqui ser entendida como a provocação que impele o espectador a encontrar na tela algo para além daquilo que ela apresenta”. Conta a historiadora que assim parece ter ocorrido com “A Redenção de Cam”, pois

mais do que uma apreciação de ordem formal, o que a tela provocou foi uma série de preocupações com relação à verdade do fato que encarnava. Seriam os membros da família multirracial em cena legítimos representantes dos grupos que pareciam ter inspirado sua composição? Seria o tratamento do assunto condizente com a realidade nacional? Era legítimo que a pintura abordasse uma temática daquela importância para o país? (Lotierzo, 2013, p. 130).

RAÇA, RACISMO E USOS DO MITO

Agora que já se falou sobre a tese do branqueamento, cabe falar um pouco sobre a ideia que se tem sobre os conceitos de raça e racismo. Como dito anteriormente, no início deste artigo, a escravidão nem sempre esteve vinculada ao conceito de racismo, uma vez que tal conceito é fruto da modernidade, quando passou a ser usado, a partir do século XVI, para categorizar e distinguir seres humanos (Taguieff, 2002).

Essa categorização consentiu à sociedade as desigualdades sociais que hoje afetam grande parte da população negra. O racismo estrutural é o maior exemplo de como o preconceito racial aliou-se à escravidão para transformar a sociedade brasileira no que conhecemos como trabalho escravo e exploração a determinadas camadas sociais. Tratando-se do meio trabalhista, podemos dizer que:

Especificamente nas relações de trabalho, se apresenta como um preconceito sócio racial, que naturaliza hierarquias sociais onde os postos de maior prestígio e melhor remuneração são destinados aos identificados como brancos (Muller, 2022, p. 153).

O Mito de Cam veio para justificar a escravidão quando o negro era tratado como mercadoria. A partir do uso religioso desse mito, os ibéricos consideravam que o negro era “resgatado” da África para evitar duas mortes: física e religiosa. Vemos claramente, a partir de então, o apagamento das religiões de matriz africana desde esta época, que reflete até hoje no cenário brasileiro. Podemos citar o racismo religioso como um grande problema dos dias atuais. Quando falamos em intolerância religiosa, há o costume de as pessoas associarem a intolerância aos cristãos, uma vez que nosso país é majoritariamente cristão, dos mais pobres aos mais ricos. Assim, fala-se em racismo religioso para demonstrar que o apagamento das religiões de matriz africana se dá pelo fato de que o cristianismo é sempre associado como pertencente a pessoas de bem, e as religiões africanas como as do mal. Nesse sentido, o uso da religião como justificativa para escravizar os negros era porque Cam, Canaã e seus descendentes seriam amaldiçoados e, portanto, a escravidão seria justificável, uma vez que estaria sendo obedecido o que a bíblia estava “dizendo”. Tamanha foi a perversidade que nem mesmo os negros cristãos escapavam e ainda assim eram escravizados porque estariam cumprindo um destino bíblico. O quadro de Modesto Brocos, ainda que séculos depois, reflete claramente este pensamento, no qual o embranquecimento da população seria sinônimo de progresso. Nesse sentido, “além dos descendentes

de Cam terem sido amaldiçoados, os filhos de Jafé representavam luz e a este era reservado o direito de submeter os pagãos fruto da maldição” (Roedel, 2017, p. 5). Posteriormente, como outro tipo de justificativa escravista, foi criada, então, a teoria do racismo científico. Neste sentido, os negros eram considerados inferiores intelectualmente e isto justificaria sua utilização para os trabalhos servis e os trabalhos intelectuais para os brancos europeus. Segundo Daniela Valle da Rocha Muller, sobre o racismo na época:

Em linhas gerais, se pressupunha que o branco de origem europeia era portador de atributos como inteligência, racionalidade, compromisso, honestidade, boa educação, aptidão e empenho para o trabalho livre, entre outras qualidades que o tornavam pertencente a uma raça mais nobre, superior e, por isso mesmo, desejável. (Muller, 2022, p. 157).

Ainda segundo a autora, estas teorias tiveram forte influência do positivismo. O racismo era visto, nesta perspectiva, como natural. As raízes do racismo, segundo Hiran Roedel (2017), “fincadas na escravidão, que perdurou por quatro séculos em terras brasileiras, pautaram as relações socioeconômicas e moldaram o caráter nacional”. Portanto,

se nas relações econômicas as colônias forneciam a acumulação de riquezas e capital, garantidos pela estrutura jurídico-política montada pelas metrópoles, é pela ideologia cristã que se estabelece a hegemonia e o consenso das relações de exploração que garantem à classe proprietária de terra e de gente, por quatro séculos no Brasil, o exercício do poder. (Roedel, 2017, p. 6).

Nem todos os religiosos utilizaram o Mito de Cam para justificar a escravidão, e um exemplo disso é o jesuíta italiano, Jorge Benci², que esteve no Brasil. Neste caso, o autor defendia que a escravidão era justificável não pelo Mito de Cam, mas através da

² Jorge Benci nasceu por volta de 1650, em Rimini, na Itália, e morreu na cidade de Lisboa, em 1708. Em terras brasileiras foi pregador, procurador do colégio da Bahia, lente de humanidades e teologia, visitador local e secretário do Provincial.

religião. Segundo Benci, a escravidão provém do pecado de Adão e Eva. Neste sentido, Benci defende nesse texto que o pecado fez que com as guerras tornassem pessoas livres em escravos. Ao mesmo tempo em que Jorge Benci reconhece que um ser humano não pode ser tratado como um objeto ou mercadoria e diz que a escravidão é uma condição não cristã, aceita-a por conta do pecado original e recomenda aos escravos servirem ao Senhor como um serviço a Deus.

O Brasil tem em seu histórico a busca de uma identidade nacional e, obviamente, os negros não estavam incluídos nessa identidade. Inclusive eram vistos como um empecilho para o desenvolvimento, como dito anteriormente. Posteriormente optou-se pela importação de trabalhadores brancos europeus para o branqueamento dos trabalhadores e, “mais adiante, na virada do século XIX para o XX, opta-se pelo trabalhador asiático, por ter um perfil mais submisso” (Roedel, 2017, p.10). Além disso, com a escassez de população letrada, e aqueles letrados quase que categoricamente sendo brancos,

o mercado editorial era bastante restrito, pois tinha como público, principalmente, estudantes e mulheres da elite, o que implicava em obras que, majoritariamente, mantinham-se presas à visão de mundo trazida pelo colonizador. (Roedel, 2017, p. 9).

Como dito anteriormente, o mundo intelectual ficou restrito ao pensamento do português, europeu e colonizador, bem como ficou impregnado na mente de nossa sociedade até os dias atuais. Portanto, se até hoje é assim, já temos ideia de como era há alguns séculos. Segundo Roedel (2017), seja na cultura, no modo de pensar ou nas relações econômicas, a escravidão era tão introjetada na sociedade que até escravos libertos possuíam escravos. Apesar de que a ideologia cristã (quase) sempre esteve associada a todas estas relações escravistas, principalmente com a utilização perversa da “maldição de Cam”, posteriormente utilizou-se o argumento do racismo científico para justificar uma inferioridade do negro em relação aos brancos e justificar,

logicamente, a escravidão e exploração. O que percebemos é o deslocamento de argumentos para justificar o que, moralmente, seria injustificável. No entanto, para a época, a minoria branca e letrada era favorecida destes argumentos como o racismo científico e a “maldição de Cam”, os quais acabavam por legitimar a escravidão. Nesta perspectiva, religião e ciência eram aliadas.

Por isso que, no caso da proclamação da república, a visão de mundo hegemônica não é abalada. Desse modo, os mecanismos de naturalização da identificação do negro com a criminalidade, a indolência, os vícios, práticas religiosas demoníacas e comportamentos amorais são acionados e facilmente aceitos, pois encontravam-se como componentes do imaginário social trazidos pela estrutura colonizadora. E esses mecanismos estão assentados nos valores historicamente consolidados pelo imaginário cristão, um dos pilares da cultura ocidental da qual a elite dirigente brasileira não pretendeu se afastar. (Roedel, 2017, p. 11).

De acordo com o site nistocremos.net (2010), a maldição de Cam, na interpretação mais popular e conhecida, se dá pelo fato de Cam ter “descoberto a nudez” do pai. No entanto, como já demonstrado, várias são as interpretações para o mito. Uma destas interpretações é que Cam foi amaldiçoado por Noé não porque foi desrespeitoso ao ver o pai nu e debochou da situação, mas porque deitou-se com a mulher dele. O mito diz que Cam descobriu a nudez do pai, não havendo problemas para uma interpretação literal. No entanto, em Levítico 20:11 consta que: “O homem que se deitar com a mulher de seu pai terá descoberto a nudez de seu pai”. Esta citação no Levítico faz alusão a relações sexuais, nas quais Cam teria cometido o pecado muito grave de ter deitado com a mulher do pai. Além disso, quando se fala nesta alusão, há uma interpretação que leva a crer que o pecado de Cam foi o de homossexualismo, o que refletiu nas gerações seguintes, uma vez que

Os descendentes de Cam, os Cananitas, perpetuaram práticas homossexuais, e anos mais tarde Deus destruiu Sodoma e Gomorra por causa de perversões, dentre elas, desta mesma natureza. Em Genesis 19 vemos que os cananitas queriam cometer atos homossexuais com os anjos que foram visitar a cidade, e só não fizeram por que foram impedidos pelo poder de Deus. (Ravem, 2010).

O MITO NA ATUALIDADE

Em 2013, a Aliança Evangélica publicou uma nota, no site geledes.org, repudiando o uso inadequado de Escrituras Sagradas, em especial aquele que faz más interpretações a respeito de supostas maldições aos negros e africanos. Segundo a fonte do site (Neto, 2013), tais afirmações e interpretações “são fruto de leitura mal feita de parágrafos bíblicos, tomados fora do seu contexto literário e teológico, que acabam por colaborar com os interesses de justificar pensamentos e práticas abusivas, contrárias ao espírito da Palavra de Deus”. Neste caso, tiveram uma reação negando a suposta maldição aos africanos e a interpretação sexual do pecado de Cam. Apesar disso, já vimos que o uso do mito foi muito utilizado para justificar a escravidão pelos próprios religiosos e que continua presente, inclusive no discurso político.

A nota de repúdio da Aliança Evangélica muito provavelmente tem relação com a declaração do então deputado federal, Marcos Feliciano, em uma publicação em uma rede social. Na postagem em questão, publicada em uma matéria do site UOL, o deputado escreveu o seguinte: “Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato. O motivo da maldição é polêmica. Não sejam irresponsáveis twitters rsss” (Feliciano, 2011). O referido político, além de descompromissado com a concordância nominal, exerce um desserviço ao país e ao mundo quando, em uma rede social famosa, publica algo deste gênero. Por esse motivo uma nota de repúdio não é o suficiente para romper com tais comportamentos, uma vez que é uma prática histórica da Igreja utilizar o mito como justificativa para o racismo ou homofobia. O

pastor evangélico ainda afirma: “sobre o continente africano repousa a maldição do paganismo, ocultismo, misérias, doenças oriundas de lá: ebola, Aids. Fome...” Além de atribuir aos africanos a culpa por todos os problemas que o continente enfrenta durante toda sua história, o deputado isenta os colonizadores de toda e qualquer culpa pela exploração e escravidão praticada contra os africanos. É no mínimo covarde e irresponsável atribuir a culpa a um povo que sempre sofreu as consequências da colonização e que hoje são evidenciadas através da pobreza. É retirar a responsabilidade do colonizador e da Igreja, defender o opressor e responsabilizar o oprimido. A Igreja é vista como o bom-moço da história, e os africanos como malvados. Assim como vimos quando falamos anteriormente sobre as religiões de matriz africana. Ele também afirmou que não considerava as mensagens racistas: “Não foi racista. É uma questão teológica”. O mais curioso é que, ao mesmo tempo em que diz não ser racista, utiliza outro discurso completamente infundado para justificar seu ódio contra a África. Ele segue: “O caso do continente africano é *sui generis*: quase todas as seitas satânicas, de vodu, são oriundas de lá. Essas doenças, como a Aids, são todas provenientes da África”. Novamente aparece a tendência a desmoralizar as religiões de matriz africana, uma construção ocidental que tende a demonizar as religiões africanas e a pintá-las como do mal, ou seja, uma prática racista que demonstra o racismo religioso já antes citado neste artigo. Quase um dia após as declarações, o deputado escreveu: “Tenho raízes negras como todos os brasileiros. Bem como dos índios e também europeus! Rejeito essas calúnias infames! Aqui não seus desalmados”. Vê-se que, ao mesmo tempo em que tenta se apropriar da multiculturalidade brasileira, cita, por fim, raízes europeias. Parece muito com a teoria do branqueamento do século XIX antes citada aqui também, quando se buscava a mistura entre negros e brancos para que o perfil racial do país mudasse de negro para branco. Falava-se nos negros somente como um objeto para benefício próprio, neste caso para benefício dos brancos. É o que faz Feliciano neste discurso, mesmo citando negros e índios em suas raízes, faz questão de evidenciar seu lado europeu. Não satisfeito, o político, numa tentativa de defesa,

apropriou-se dos seguintes argumentos: «Sou afrodescendente, meu nariz é largo, meu cabelo é crespo. Tenho apoio do líder do movimento dos negros, pastor Albert Silva, de São Paulo». O próprio pastor, Albert Silva, no entanto, negou que apoiava Feliciano e que discorda das opiniões do deputado: «As considerações dele são de foro íntimo. Como pastor negro e militante do movimento negro, eu considero um absurdo essa visão teológica do deputado. Viola o sentido explícito do relato bíblico».

Sobre o Mito de Cam, Marcos Feliciano afirmou, anteriormente a esta postagem na rede social, que a maldição sobre a África supostamente provém do “1º ato de homossexualismo da história”. Disse ele: “Sendo possivelmente o 1o. Ato de homossexualismo da história. A maldição de Noé sobre canaã toca seus descendentes diretos, os africanos”. Aqui temos claramente a prova de que o Mito de Cam é interpretado não apenas como uma maldição aos negros e africanos para justificar a escravidão, mas também para justificar a violência contra os homossexuais, e ainda mais contra os negros homossexuais. Inclusive, em seu perfil na rede social, redirecionava várias mensagens aos homossexuais e convocava os “cristãos” para visitarem o perfil destes internautas que o criticavam e colocarem mensagens lá, com o argumento de que era perseguido pelos homossexuais. Vemos uma clara incitação ao discurso de ódio que tem origem no Mito de Cam.

Mais recentemente, o uso do mito em questão apareceu nas eleições presidenciais brasileiras (2022). O então candidato à reeleição, Jair Bolsonaro associou o ex-presidente Lula a entidades demoníacas e ao mal por conta de sua ligação com pessoas pertencentes às religiões afro-brasileiras. Além de uma tentativa de atrair ainda mais o eleitorado evangélico, é uma clara demonstração de como o mito incentivou a perseguição contra religiões de matriz africana, que até hoje sofrem com a violência física e moral de cristãos que utilizam o mito para validar seu preconceito. Conforme demonstrado pelo portal de Notícias UOL, a primeira-dama Michelle Bolsonaro criticou Lula nas redes sociais por um vídeo em que o petista aparece sendo abençoado por mulheres de religiões afro. Enquanto Lula manifestava sua empatia com as religiões

africanas, ela manifestou seu descontentamento: “Isso pode, né? Eu falar de Deus não pode, né”. Fica cada vez mais claro como muitos cristãos e a Igreja pintam o cristianismo como o único detentor do bem e da moral, e utilizam o Mito de Cam para isto. Percebemos como o mito sempre teve um uso político muito forte através do discurso religioso. O teólogo e historiador Walter Passos, presidente do Conselho Nacional de Negras e Negros Cristãos, afirma que “a pretensa maldição de Cam trouxe lucros tanto para a igreja católica como para a protestante. Grande exemplo é a ordem dos jesuítas que enriqueceu com os “amaldiçoados”. Dentro do protestantismo serviu para manutenção da escravidão. Hoje, é usada ainda para preterir os descendentes de africanos”. Passos acredita, já que a ciência comprovou que a África é o berço da humanidade, que todos os personagens do Antigo Testamento são negros. Para ele, seria impossível que Noé e seus filhos fossem brancos: “Os espaços geográficos dos eventos citados ocorreram em terras afro-asiáticas, sendo impossível a presença de civilizações brancas participantes de tais fatos” (Passos, 2011). O estudioso é defensor da tese de que a “maldição de Cam” é uma criação, e não um fato bíblico, que possibilitou a exploração da África pelos povos caucasianos:

Nós sabemos que as primeiras civilizações apareceram no continente africano e nós, os pretos e pretas, somos a essência divina, os seres originais criados a imagem e semelhança de Deus (...) A maldição de Cam é uma mentira inventada pelo eurocentrismo para roubar as riquezas do continente abençoado e tentar destruir os seres originais. (Passos, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, pode-se concluir que o cristianismo age, em muitos casos, como um entrave para o avanço em muitos setores da nossa sociedade, principalmente para a superação de preconceitos raciais. Num primeiro momento, tais preconceitos

surgiram a partir do Mito de Cam para justificar o racismo contra os negros e africanos. Posteriormente, o racismo científico aparece como um argumento intelectualizado para validar a teoria do branqueamento. Mais adiante, discutiu-se os argumentos que evidenciam as distinções entre os conceitos de raça e racismo que originaram a escravidão, bem como os usos do Mito de Cam para justificá-la. Assim, encerra-se este artigo mostrando como a religião cristã permanece com ideologias e práticas antigas para legitimar comportamentos imorais que, de um ponto de vista lógico e humano, seriam infundados. Por isso, ocupou-se aqui de mostrar como a maldição de Cam afeta as religiões de matriz africana em contextos atuais, sempre pelo viés político, para favorecer o cristianismo como a única religião responsável e capaz de pregar o bem, desmoralizando e demonizando todas as outras.

REFERÊNCIAS

BALZA, Guilherme. Deputado federal diz no Twitter que “africanos descendem de ancestral amaldiçoado”. **UOL Notícias**, 2013. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2011/03/31/deputado-federal-diz-no-twitter-que-africanos-descendem-de-ancestral-amaldiçoado.htm>. Acesso em: 14 jun. 2023.

BENCI, Jorge. **Economia Cristã dos Senhores no Governo dos Escravos**. Livro Brasileiro de 1700. Editora: Grijalbo. São Paulo, 1977.

BENCI, Jorge. 1650-1708. **Grupo Escritos**, 2020. Disponível em: <https://www.grupoescritos.com/c3-guia-escritos-sobre-negro/benci%2C-jorge.-1650-1708>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ÉTRÉ-GRENOUILLE, Olivier. **A história da escravidão**. São Paulo: Boitempo, 2009.

LOTIERZO, T. H. P. **Contornos do (in)visível: A redenção de Cam, racismo e estética na pintura brasileira do último Oitocentos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MACHADO, Leandro. A origem do mito bíblico que foi utilizado para ‘justificar’ racismo. **UOL Notícias**, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2022/10/18/a-origem-do-mito-biblico-que-foi-utilizado-para-justificar-racismo.htm>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MACHADO, Leandro. Eleições 2022: intolerância religiosa vai piorar seja qual for o eleito, diz pesquisadora. **Terra**, 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/eleicoes-2022-intolerancia-religiosa-vai-piorar-seja-qual-for-o-eleito-diz-pesquisadora,53a19fb85ec1cd705a39f3d2f1b5f21386xd9eps.html>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MORAIS, V. **Saídos da casa da servidão: a escravidão na Bíblia e sua influência no Brasil e nos Estados Unidos**. Cadernos de Estudos Sociais, [S. l.], v. 4, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1050>. Acesso em: 14 jun. 2023.

NETO, Correa. Nota de esclarecimento e repúdio quanto à suposta maldição sobre africanos e negros. **Geledes**, 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nota-de-esclarecimento-e-repudio-quanto-a-suposta-maldicao-sobre-negros-e-africanos/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

OLIVERA, Mariana. História e Bíblia mostram ‘maldição’ contra África, diz Feliciano em defesa. **G1**, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/04/ao-stf-feliciano-diz-que-historia-e-biblia-mostram-maldicao-africanos.html>. Acesso em: 14 jun. 2023.

RAVEM, Yuri. O Pecado de Cam: análise bíblica e do Espírito de Profecia. **Nistocremos**, 2010. Disponível em: <https://www.nistocremos.net/2010/08/o-pecado-de-cam-analise-biblica-e-do.html>. Acesso em: 14 jun. 2023.

RODRIGUES, Rosiana. A maldição africana. **Extra**, 2011. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/rosiane-rodrigues/a-maldicao-africana-1604345.html>. Acesso em: 14 jun. 2023.

ROEDEL, Hiran. Do Mito de Cam ao Racismo Estrutural: Uma Pequena Contribuição ao Debate. Projeto AFRO-PORT: Afrodescendência em Portugal [FCT/PTDC/SOC ANT/30651/2017]. Lisboa. No.02. Julho. 2020. 01-19. Disponível em: <https://cesa.rc.iseg.ulisboa.pt/afroport/artigos/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

RONCOLATO, Murilo. A tela “A Redenção de Cam” e a tese do branqueamento no Brasil. **Edusp**, 2018. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

SERVIAT, Pedro. **El problema negro en Cuba y su solución definitiva**. La Habana: Editora Política, 1986.

TAGUIEFF, P.A. **O racismo**. 1ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

VALLE DA ROCHA MULLER, Daniela. Apontamentos sobre escravidão e racismo no Brasil. **Laborare**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://revistalaborare.org/index.php/laborare/article/view/141/153>. Acesso em: 14 jun. 2023.

Contribuição de Autoria

1 – Andrei Gimenes Hardtke

Universidade Federal de Pelotas

<http://lattes.cnpq.br/5614416251049880> • andrei_hardtke@hotmail.com

Contribuição: Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição, Validação

2 – Uruguay Cortazzo González

Universidade Federal de Pelotas

<https://orcid.org/0000-0002-3959-9079> • urudur@hotmail.com

Contribuição: Conceituação, Metodologia, Escrita – revisão e edição, Validação

Como citar este artigo

HARDTKE, A. G.,; GONZÁLEZ, U. C. O mito de Cam: usos racistas de uma narrativa bíblica. **Literatura e Autoritarismo**, n. 44, e84490, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1679849X84490>. Acesso em: dia mês ano